

Brazlândia, 55 anos: uma eterna vocação pastoral

ADIRSON VASCONCELOS
Especial para o CORREIO

Nascida do espírito desbravador e da vocação pastoral de quatro famílias goianas e mineiras, Brazlândia formou-se lentamente, ao longo de dezenas de anos, em território goiano, até se tornar distrito de Luziânia, e, finalmente, ser galgada, em 1960, à condição de cidade-satélite de Brasília com a inauguração da nova Capital Brasileira em terras do Planalto Central goiano, em cujo território se insere.

De atividade tipicamente rural, Brazlândia é, hoje, uma cidade com vida gregária organizada, dotada de todos os equipamentos e serviços públicos básicos e formada por uma comunidade mesclada de famílias tradicionais e de pioneiros que chegaram à região pelos atrativos e pela fé em Brasília.

Seu aniversário é comemorado a 5 de junho, por força de um decreto governamental, embora esta data não tenha nenhuma vinculação com a História e a vida da cidade.

Hoje, Brazlândia é formada por uma população de 25 mil habitantes. Tem água, luz, esgotos, escolas, hospital, telefone e até um estádio de futebol. A vida é saudável e bucólica, numa cidade que tem lago e é cercada por centenas de propriedades agrícolas e pecuárias. Dista 59 quilômetros do Plano Piloto de Brasília. Sua população tem as características da gente interiorana: ordeira, trabalhadora e hospitaleira.

Quem primeiro aportou nas terras que seriam Brazlândia, ao que se sabe, foram duas famílias de agricultores mineiros — os Abreu Lima e os Rodrigues do Prado. Isto, no final do Século XIX. Ocuparam as terras e obtiveram o registro paroquial, documento hábil da época; porém, por falta de recursos ou de instrução, talvez, não fizeram progresso.

O primeiro surto de desenvolvimento, todavia, ocorreu com a chegada dos Braz, na década de 10 deste Século, procedentes de Carmo do Paranaíba, em Minas. A clã dos Braz, capitaneada por João Braz Sobrinho, era formada por 16 filhos, quase todos masculinos e atuantes.

Mais ou menos na mesma época dos Braz, chegaram, também, os Cardoso de Oliveira, que vinha de Posse, em Goiás. Eram cinco irmãos: Antonio, Leonardo, Etelvino, Ernesto e Vicente.

No final da década de 10 des-

te Século, imigrou para a região com ideais desenvolvimentistas, o goiano Voltaire Aires Cavalcanti, oriundo de São José do Duro (Dianópolis), em Goiás. E algum tempo depois, na década de 20, chegaram Benedito Carlos de Oliveira (Bidó), procedente de Planaltina, e Ivo Alves Rabelo, que veio de Formosa. Todos os três se casaram com moças da família Cardoso de Oliveira.

Assim, nas três primeiras décadas deste Século, têm início as atividades agropastoris na região onde hoje está Brazlândia.

Por se situar na chapada do Vão dos Angicos, a área ganhou o nome de Chapadinha. Suas terras pertenciam ao município de Santa Luzia, depois Luziânia.

As famílias Braz e Cardoso de Oliveira, que tinham negócios também em Santa Luzia (Luziânia), conseguiram, por influência política, que as suas terras fosse elevadas à categoria de Distrito.

E deste momento o nome de Brazlândia. Por entendimento geral e numa homenagem à família mais numerosa e mais progressista da região foi dado ao Distrito o nome de Brazlândia, um reconhecimento a João Braz Sobrinho.

Assim, com data de 15 de abril de 1932, o Prefeito de Santa Luzia (Luziânia), Púlio de Souza, baixa decreto criando o Distrito de Brazlândia. E designa para seu primeiro subprefeito Joaquim Dutra Sobrinho, filho de João Braz Sobrinho, o patriarca da família.

Esta data de 15 de abril seria a mais aconselhável, e única, para servir como marco de fundação e data de aniversário de Brazlândia e, não, 5 de junho, como quer o Decreto do Governo do Distrito Federal, por não ter, este, a mínima ligação com a História da cidade.

Com a inauguração de Brasília, a 21 de abril de 190, Brazlândia foi oficialmente incorporada ao território do Distrito Federal, passando à categoria de cidade-satélite de Brasília. Nesta época, moravam em Brazlândia menos de mil pessoas.

Ao longo de toda a década de 60, Brazlândia continua sua vida tradicional. Contudo, no final da década, foi criado, no prolongamento da área tradicional, um loteamento para 2.000 casas, a fim de assentar, ali a invasão denominada

Vietcong, existente entre Taguatinga e o Montaria Country Club. Depois, em 1964 e 1965, foi criada a Vila São José para dar lotes à famílias que alugavam cômodos na cidade.

De repente, a população triplicou. Mas, o Governo assistiu com a instalação dos equipamentos comunitários necessários.

A convivência entre os moradores antigos, de hábitos tradicionais, e os novos chegantes foi difícil, inicialmente. Mas, com o passar dos dias, foram se relacionando e se ajustando.

Hoje, começa a se identificar um processo de miscigenação, com a juventude relacionando-se nos ambientes escolares, esportivos e sociais, e até transformando este relacionamento em convívio matrimonial, através da constituição de novas famílias formadas por descendentes de moradores antigos e novos da cidade.

Brazlândia é, assim, uma cidade de tradições, viva, tranqüila e aprazível. A Praça do Lago é o seu principal logradouro. O seu estádio de futebol chama-se Chapadinha. E tem um lago urbano e um balneário com o nome de Veredinha, numa referência ao ribeirão que o forma.

A cidade é dividida em duas partes: o Setor Tradicional e a Parte Nova. E bem servida de água, esgotos, iluminação pública, escolas e serviços de saúde. A rede telefônica não atende metade da demanda. O catolicismo detém o maior número de adeptos em suas duas paróquias: a de São Sebastião e a do Menino Jesus de Praga. A Maçonaria e o Lions são entidades de grande representatividade e prestígio na comunidade. O espírito comunitário é muito forte, através das representações de quadras. O Núcleo Rural Alexandre de Gusmão é a entidade rural melhor estruturada. Na área de Brazlândia está o Lago do Descoberto, reservatório para abastecimento d'água de Brasília.

Brazlândia tem tradição e uma vocação natural para a atividade agropastoril, que merece ser melhor assistida e incentivada para que possa vir a oferecer à comunidade rural um estágio econômico mais desenvolvimentista e de melhores condições de bem-estar social para todos.

Adirson Vasconcelos é jornalista e historiador de Brasília, com mais de 10 livros publicados.